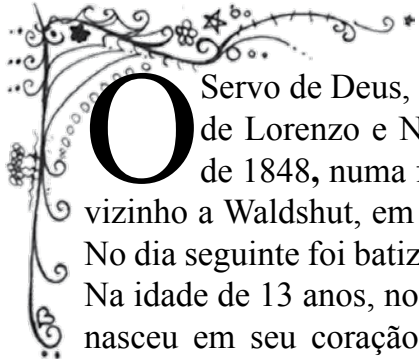




**Decreto sobre as virtudes heroicas  
do venerável Padre Francisco Maria  
da Cruz Jordan**



**O**Servo de Deus, Francisco Maria da Cruz Jordan, filho de Lorenzo e Nothburga, nasceu no dia 16 de junho de 1848, numa família pobre no vilarejo de Gurtweil, vizinho a Waldshut, em Baden; era o segundo de três irmãos. No dia seguinte foi batizado e recebeu o nome de João Batista. Na idade de 13 anos, no momento de sua primeira comunhão, nasceu em seu coração o desejo de ser padre. Daquele dia em diante cresceu nele a alegria de receber a comunhão e de confessar-se, de rezar e de ler livros espirituais. Este sentimento ficou mais forte quando, na idade de 16 anos, perdeu o pai.

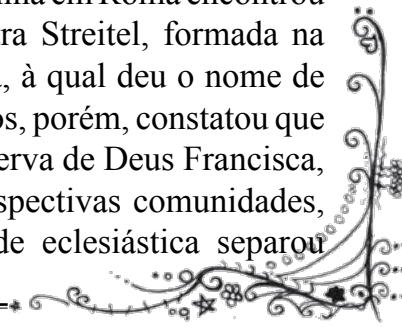
Terminada a escola elementar, João Batista trabalhou como operário ocasional e como pintor. Exerceu esta atividade em outras cidades e, ao completar 20 anos, tomou a decisão de seguir o chamado interior ao sacerdócio. Recebeu aulas particulares e em seguida freqüentou o liceu de Constança. Concluídos esses estudos iniciou o curso trienal de teologia e de filologia (1874-1877) em Friburgo, na Brisgóvia. Ao mesmo tempo empenhou-se no estudo de muitos idiomas modernos. Num determinado momento, sentindo de modo especial a presença de Deus, tomou consciência do fato de que a Igreja Católica na Alemanha sofria muito com a nascente ideologia da “Kulturkampf” (= luta cultural). Intuiu que os povos europeus incorriam no risco da apostasia da fé. Por isso, sentiu-se movido a viver totalmente com Deus e por Deus e sentiu também que era chamado para ser um instrumento de salvação para as pessoas.

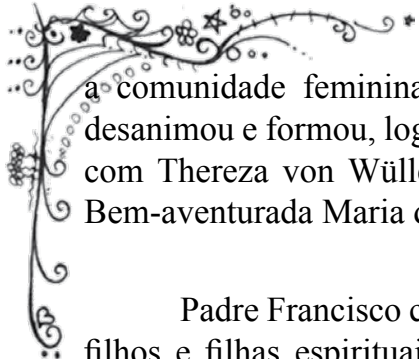
No ano de preparação para as ordens sagradas no Seminário de São Pedro, na Floresta Negra, sentiu uma inspiração e se perguntou se este seria verdadeiramente o chamado de Deus: dar vida a um movimento apostólico. Lutou a fim de obter o conhecimento da vontade de Deus e continuou procurando ainda mais a santidade. Assim como nos anos

precedentes em Friburgo, vivia períodos de obscuridade e de isolamento interior, bem como de felicidade profunda ao receber a sagrada comunhão. Dedicava muito tempo à leitura espiritual, à meditação da Sagrada Escritura e à oração.

Depois de sua ordenação sacerdotal (21 de julho de 1878), convidado pelo seu bispo, dirigiu-se a Roma para estudar os idiomas siríaco, o armeno, o árabe e o hebraico. Visitou a Terra Santa e o Líbano e, naquela ocasião, fortaleceu-se ainda mais a certeza de estar sendo chamado a fundar um movimento apostólico movido profundamente pelas palavras do Evangelho: *“Esta é a vida eterna: que conheçam a Ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste”* (Jo 17,3). De volta a Roma recebeu a bênção do Papa Leão XIII para os seus projetos e começou a colocá-los em prática. A sua intenção era a de reunir em volta de si, na “Sociedade Apostólica Instrutiva” (depois, “Sociedade Católica Instrutiva”) fiéis católicos de diversos grupos, compostos principalmente de pais, professores e educadores para transmitir a fé, de acadêmicos para defendê-la e também de crianças. Por outro lado, desejava iniciar a comunidade de homens e de mulheres que, vivendo os conselhos evangélicos, estivessem prontos para dirigir-se a todos os lugares; pouco depois, transformou aquelas comunidades em Institutos religiosos. No domingo da Paixão do ano de 1883, consagrou-se a Deus na Basílica de São Pedro e assumiu o nome de João Maria Francisco da Cruz.

Para formar a comunidade feminina em Roma encontrou uma Superiora religiosa chamada Petra Streitl, formada na espiritualidade franciscana e carmelita, à qual deu o nome de Maria Francisca da Cruz. Após dois anos, porém, constatou que a sua vocação e aquela da Venerável Serva de Deus Francisca, como também o estilo de vida das respectivas comunidades, não podiam conciliar-se. A autoridade eclesiástica separou





a comunidade feminina do Padre Jordan. Ele, porém, não desanimou e formou, logo em seguida, uma nova congregação com Thereza von Wüllenweber, conhecida até hoje como a Bem-aventurada Maria dos Apóstolos.

Padre Francisco conseguiu reunir em torno de si muitos filhos e filhas espirituais. Ele imaginava a Casa Mãe como uma “escola apostólica”, que por sua vez, pudesse formar muitos novos apóstolos. Sem poupar a si mesmo dedicou-se totalmente seja à difícil missão de Assam, na Índia, como à formação de um grande número de casas na Europa e na América, assegurando nelas o espírito que o animava. Em 1893 deu às suas comunidades religiosas o nome de “Sociedade do Divino Salvador” e “Congregação das Irmãs do Divino Salvador”.

Em 1915, por causa da primeira guerra mundial, o Generalado precisou transferir-se para a Suíça e o Padre Jordan, respeitando as decisões do III Capítulo Geral, confiou o governo da Sociedade nas mãos de seu futuro sucessor Pe. Pancrácio Pfeiffer. Após uma grave doença faleceu num pequeno hospital em Tifers, nas vizinhanças de Friburgo, na Suíça, no dia 08 de setembro de 1918.

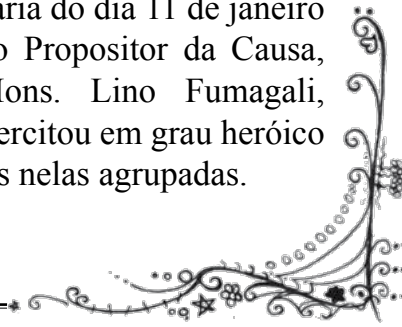
Deus havia concedido ao Servo de Deus desde a sua juventude um grande desejo de união com Cristo na Eucaristia. Da santa missa e da adoração eucarística extraiu para toda sua vida um fervoroso ardor apostólico. Os seus confrades o encontravam sempre imerso na oração. Ele encontrava grande consolação no amor a Virgem Maria, Mãe do Salvador e Rainha dos Apóstolos e procurava divulgar sua veneração. Amava muito a pobreza evangélica e vivia de uma confiança inabalável em Deus e uma humildade corajosa. Abraçava a cruz. Foi sempre obediente à fé da Igreja e às diretrizes da autoridade eclesiástica, mesmo nos momentos mais difíceis.

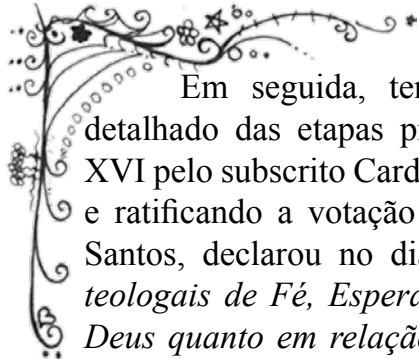
Como um bom pai tinha cuidado pelos seus filhos espirituais e revelava uma sempre maior prontidão em perdoar.

A figura do Servo de Deus Francisco Maria da Cruz encoraja a uma santidade apostólica. Ele é o exemplo de um homem apostólico e missionário que deseja conduzir todos a Jesus Cristo Salvador do mundo. Numa visão global do apostolado desejou inaugurar uma renovação da fé dos fiéis cristãos, mas também contribuir para a primeira evangelização e para a nova evangelização. Quis anunciar Cristo e testemunhar o Evangelho em todas as dimensões da vida e da cultura “*com todos os modos e meios que a caridade de Cristo inspira*”.

Em virtude da fama de santidade do Servo de Deus que já transpareceu em vida e sobretudo na sua morte, foi instalado o processo diocesano informativo que se desenvolveu em Roma (1942–1943). Logo depois foram celebrados os processos rogacionais nas dioceses de Friburgo, na Suíça, em Passau, Paderborn, Vienna, Rio de Janeiro, Olomouc e Green Bay (1943-1949).

No dia 14 de dezembro de 2006 a “*positio super virtutibus*” (posição sobre as virtudes) foi entregue aos Consultores da Comissão de História, que externaram seu parecer positivo na reunião do dia 05 de junho de 2007. No dia 22 de janeiro de 2010 foi feito com êxito positivo o peculiar Congresso dos Consultores da Comissão Teológica. Os Cardeais e Bispos, na sessão ordinária do dia 11 de janeiro de 2011, tendo ouvido o relatório do Propositor da Causa, Sua Eminência Reverendíssima Mons. Lino Fumagali, reconheceram que o Servo de Deus exercitou em grau heróico as virtudes teológicas, cardeais e demais nelas agrupadas.





Em seguida, tendo sido apresentado um relatório detalhado das etapas processuais ao Sumo Pontífice Bento XVI pelo subscrito Cardeal Prefeito, o Santo Padre, acolhendo e ratificando a votação da Congregação sobre a Causa dos Santos, declarou no dia de hoje: *“Constata-se as virtudes teologais de Fé, Esperança e Caridade, tanto em relação a Deus quanto em relação ao próximo, bem como as virtudes humanas ou cardeais da Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza e as demais nelas agrupadas, de maneira heróica do Servo de Deus Francisco Maria da Cruz (no mundo João Batista Jordan), Fundador da Sociedade do Divino Salvador e da Congregação das Irmãs do Divino Salvador”*.

O Santo Padre solicitou para tornar publico este Decreto e de transcreve-lo nas Atas da Congregação sobre a Causa dos Santos.

Roma, 14 de Janeiro de 2011

